

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E PROGRAMA SEGUNDO TEMPO: UMA EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO CURRICULAR NO CENTRO PEDAGÓGICO/UFMG¹

Guilherme Carvalho Franco da Silveira

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Túlio Campos

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Amanda Fonseca Soares Freitas

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Nayara Cristina Albanez

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre as possibilidades de articulação entre a Educação Física escolar (EF) e o Programa Segundo Tempo (PST), a partir da análise da constituição e transformação (conceitual e prática) da proposta e da prática pedagógicas de um núcleo do PST no Centro Pedagógico (CP), escola de educação básica de tempo integral da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O estudo indica novas e interessantes possibilidades para potencializar os processos de ensino-aprendizagem tanto no PST quanto na EF escolar quando ambas propostas estão articuladas, numa ação de complementaridade entre uma e outra, além de apontar uma rica experiência de formação inicial e continuada de professores de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física. Cultura Corporal. Escola. Esporte.

Introdução

O presente trabalho é fruto do estudo do processo de implantação e resignificação do Programa Segundo Tempo (PST) no Centro Pedagógico da UFMG (CP), entre os anos de 2007 e 2015, envolvendo a análise de documentos (propostas pedagógicas do CP, da Educação Física do CP, do PST no Ministério do Esporte e do PST do CP), grupos de discussão entre os autores deste artigo (que são, também, professores do CP e coordenadores do PST no CP²) e o diálogo com a produção acadêmica sobre o PST.

O CP é o colégio de aplicação de ensino fundamental da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) cuja missão é “desenvolver, de forma equilibrada e indissociável, o ensino, a pesquisa e a extensão” (UFMG, 2007, p.1), cujo objetivo é constituir um campo de

¹O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² Um dos autores deste artigo, professor efetivo do CP desde 2014, e que hoje coordena o PST, foi bolsista/coordenador do PST pelo Ministério do Esporte na época da implantação do PST no CP. Os outros autores são: uma professora efetiva do CP, desde 2007, e coordenadora do PST entre 2007 e 2012; um professor efetivo do CP, desde 2014, atualmente subcoordenador do PST; e a atual coordenadora do PST/bolsista do ME.

experimentação e produção teórico-metodológica referentes à Educação Básica e à formação de professores para a Educação Básica.

Inicialmente constituída como uma escola de turno único, o CP adotou o tempo integral a partir de 2011, o que levou à ampliação do tempo que os estudantes dos três ciclos³ permanecem na escola (atualmente, sete horas e 40 minutos) e a mudanças na sua matriz curricular. Além dos componentes curriculares da base nacional comum (educação física, arte, língua portuguesa, ciências, geografia, história, matemática, língua estrangeira), o CP passou a oferecer, diariamente, a todos os estudantes, como componente curricular obrigatório, pertencente à parte diversificada do currículo, o Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD⁴), que se constitui como tempo de ampliação curricular, em que os estudantes participam de oficinas variadas (práticas corporais, robótica, clube de ciências, teatro, astronomia, redes sociais, iniciação científica etc.). Dessa forma, em um dia letivo no CP, os estudantes dos três ciclos têm três aulas (de 90 minutos) de um componente curricular da base nacional comum e uma aula (também de 90 minutos) de GTD (CENTRO PEDAGÓGICO, 2011).

Uma vez que o CP tem entre seus objetivos a formação inicial e continuada de professores, os GTDs são ministrados, em sua maioria, por estudantes de licenciatura da UFMG (geralmente, bolsistas de extensão), orientados por professores efetivos do Centro Pedagógico.

O Programa Segundo Tempo⁵ do Ministério do Esporte (ME), está presente no CP desde 2007, sempre coordenado por um ou dois professores efetivos de Educação Física em parceria com a coordenação do próprio PST (bolsista vinculado ao ME e graduado em EF⁶), sendo inicialmente oferecido no contra turno da escola, apenas para os estudantes que se interessam por suas oficinas. Entretanto, com a adoção do tempo integral, as oficinas do PST foram incorporadas, a partir de 2011, à matriz curricular do CP, nos tempos de GTD. Assim, todos os estudantes do CP participam, obrigatoriamente, das oficinas do PST, duas vezes por semana no 1º ciclo e três no 2º e 3º ciclos (CENTRO PEDAGÓGICO, 2011).

É importante registrar que o CP (assim como qualquer escola pública) não precisa do PST para funcionar em tempo integral (basta incluir outras oficinas nos tempos de GTD, envolvendo estagiários e bolsistas ligados à própria UFMG), mas valoriza a presença do PST especialmente porque permite à escola ampliar a formação de professores de Educação Física, além de estender o tempo de formação das crianças e adolescentes nas práticas da Cultura Corporal e de oportunizar a reflexão e a ressignificação, na prática, de um programa de governo.

³ Os estudantes do CP estão organizados em três ciclos de formação humana: 1º ciclo (6 a 8 anos de idade); 2º ciclo (9 a 11 anos) e 3º ciclo (12 a 14 anos).

⁴ O GTD é um projeto dos três ciclos da escola e tem como objetivo respeitar o ritmo, o tempo e as experiências de cada educando, no qual os estudantes são agrupados segundo demandas e interesses detectados pelos professores e/ou pelos próprios estudantes, independentemente do ano escolar, mas no próprio ciclo (RICCI, 2015).

⁵ Segundo o Ministério do Esporte, o PST visa ao desenvolvimento do esporte educacional, com base nos princípios da participação, inclusão e emancipação (GONZÁLEZ, 2014).

⁶ Da mesma forma que detalham Souza, Souza e Castro (2013) a respeito do PST em um município da região sul do Brasil, no CP cada núcleo do programa, chamado de “Núcleo de Esporte Educacional”, é composto por 100 crianças ou adolescentes e tem suas atividades desenvolvidas por um monitor (graduando) e um coordenador de núcleo (graduado) da área de Educação Física ou Esporte. Como no CP são 500 alunos, temos, atualmente, cinco núcleos e, conseqüentemente, cinco monitores e cinco coordenadores de núcleo. Além desses, há também uma coordenadora pedagógica também vinculada ao Ministério do Esporte. Todo esse grupo de 11 bolsistas do PST é coordenado e supervisionado por dois professores efetivos do CP.

Entre 2011 e 2014, apesar de pertencer à matriz curricular do CP e de ser oferecido obrigatoriamente a todos os estudantes da escola, o PST tinha sua proposta pedagógica vinculada, quase que exclusivamente, aos objetivos, conteúdos e princípios exigidos pelo Ministério do Esporte (CENTRO PEDAGÓGICO, 2007). Em 2014, a partir da mudança da coordenação do PST, iniciaram-se discussões envolvendo tanto professores efetivos quanto coordenadores e monitores, a respeito da possibilidade de articulação entre as propostas de EF escolar e do PST.

Como resultado dessas discussões, desde o início de 2015, a Proposta do PST está articulada, teórica e praticamente, com a Proposta de EF do CP, ambas inspiradas na perspectiva da Cultura Corporal. Esta articulação produziu uma ressignificação do PST em nossa escola, consolidada num novo projeto pedagógico para esse programa, o que o diferencia sobremaneira do PST que acontece em outras escolas e instituições. Esta proposta foi apresentada e aprovada no Ministério do Esporte, transformando-se em uma nova possibilidade de organização do PST (atualmente, acontecendo apenas no CP), especialmente, mas não exclusivamente, para os colégios de aplicação das universidades públicas.

Cultura Corporal: A especificidade da EF e do PST no Centro Pedagógico

Para Forquin (1993), ensinar supõe fazer alguém aceder a um grau ou a uma forma de desenvolvimento que se considera desejável. Isto não pode ser feito sem extrair da totalidade da cultura certos elementos/ conteúdos que se consideram como mais essenciais ou mais apropriados a um projeto de formação humana.

Assim, este projeto de formação depende de escolhas culturais, que vão constituir aquilo que Forquin (1993) chama de cultura escolar, identificando-a a uma seleção de elementos do Patrimônio Cultural da Humanidade para cumprir a função de transmissão, apropriação e reconstrução da cultura. O autor entende que tais escolhas são feitas a partir de valores que são considerados como tendo suficiente importância para que sua transmissão à geração seguinte não seja deixada ao acaso.

No caso do Centro Pedagógico, nossa opção quanto à seleção de conteúdos da EF e do PST recai sobre o que se convencionou chamar de Cultura Corporal (CENTRO PEDAGÓGICO, 2010; CENTRO PEDAGÓGICO, 2015), ou seja, as práticas corporais e seus sentidos, entendidos como formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Entendemos a cultura corporal como uma expressão que inaugura outro olhar para as práticas corporais, considerando não apenas a sua forma, seus elementos técnicos, mas também os diferentes sentidos (rendimento, lazer, saúde, qualidade de vida etc.) que lhe são socialmente e individualmente atribuídos e que orientam o envolvimento dos sujeitos com essas manifestações.

As referidas práticas corporais, presentes no mundo fora da escola, transformadas didaticamente em conteúdos de ensino e de experimentação nas aulas, são aquelas que já fazem parte, tradicionalmente, do currículo da Educação Física escolar (BRACHT, 1997), a saber: jogos e brincadeiras, esportes, danças, lutas, ginásticas, atividades de aventura, que são tratados na escola como conhecimentos a serem construídos com os estudantes (DAOLIO, 1995).

Para compreender a Cultura Corporal não basta se apropriar de seus elementos técnicos, é preciso que os estudantes compreendam o tipo de práticas que estamos falando (rendimento, lazer, saúde, qualidade de vida, etc.), em que contexto elas foram produzidas, quais significados possuem para os seus atores e quais valores estão sendo (re) produzidos a partir de sua vivência (ALVES, 2003).

A partir da experimentação de manifestações da cultura corporal em ruas, praças, parques, estádios, clubes, escolinhas, jogos digitais e da sua exposição na mídia (jornais,

internet, revistas, filmes, programas de TV, etc.), os jovens aprendem a conferir sentidos a tais manifestações, no mundo fora da escola. Os contextos nos quais os sujeitos vivenciam tais práticas fora da escola são fundamentais no processo de construção de saberes e sentidos acerca delas.

Entretanto, levar tais contextos em consideração, no ensino dessas manifestações na escola, não significa reproduzir os sentidos atribuídos às práticas pelos sujeitos nessas situações. Significa, isto sim, uma reflexão sobre como tais práticas acontecem no mundo fora da escola (onde, muitas vezes, aprendem-se valores como violência, preconceito, discriminação, entre outros, que são questionados pela escola) e sobre as possibilidades de ressignificá-las (CENTRO PEDAGÓGICO, 2010).

Dessa forma, para articular os tempos de EF e PST no Centro Pedagógico, escolhemos pensar ambos na perspectiva da Cultura Corporal aqui anunciada, dando unidade ao trabalho pedagógico.

EF e PST no Centro Pedagógico: articulação conceitual/prática e complementaridade

Na perspectiva de ensino que assumimos no CP, entendemos que a Educação Física deve ensinar os conhecimentos relativos à cultura corporal como: a) possibilidades do se movimentar dos seres humanos; b) práticas corporais sistematizadas vinculadas aos campos do lazer, do alto rendimento e da promoção da qualidade de vida e c) representações sociais (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2010).

A EF escolar, no CP, enfatiza a aprendizagem da diversidade de práticas corporais bem como a compreensão de outras dimensões (sociais, históricas, culturais, fisiológicas, éticas, estéticas, etc.) dessas práticas, além da técnica. Isto não significa que se despreze a aprendizagem da técnica, significa apenas e tão somente que se considera a escola o lugar e o tempo da aprendizagem sobre as diferentes dimensões que compõem o universo de formas e sentidos de cada prática da cultura corporal, em que a técnica é uma dimensão importante, mas não a única cujo ensino é valorizado. Para dar conta do conhecimento dessas diferentes dimensões, a EF no CP é organizada em unidades didáticas cuja duração gira em torno de dois meses⁷, permitindo o aprofundamento⁸ do conhecimento de cada prática corporal estudada.

Nesse sentido, Daolio e Velozo (2008, p. 13), afirmam que

a técnica esportiva não pode ser separada da dimensão dos significados culturais, dos rituais, das visões de mundo, das características de seus praticantes, das especificidades do contexto etc. O mesmo esporte definido como universal, por possuir regras comuns em todas as partes do mundo e ser organizado em federações e confederações, é, no entanto, praticado de formas diferentes, com interesses variados e significados próprios.

Compete, então, à Educação Física assumir a tarefa de tematizar e reconstruir as relações dos alunos com as práticas corporais – esporte, dança, ginástica, lutas, jogos e brincadeiras, atividades de aventura – oportunizando a eles, pela vivência corporal, pela

⁷ Essa é uma duração apenas aproximada, que não está determinada na proposta pedagógica e que pode mudar em função do tema de estudo. Por exemplo, em 2016, o projeto de esportes olímpicos e paraolímpicos irá durar cerca de quatro meses.

⁸ Aprofundamento aqui é entendido como o estudo exclusivo de uma prática corporal (por exemplo, a capoeira) ou de um tema da cultura corporal (por exemplo, jogos com raquete), possibilitando a compreensão dessa prática/tema para além daquilo que o estudante já sabe, ampliando tanto as experiências técnicas com aquela prática corporal quanto o saber sobre a história e sobre a relação desta manifestação corporal com aspectos sociais, culturais, éticos e estéticos do mundo. Para tanto, diferentes estratégias didáticas são utilizadas paralelamente às práticas em si: vídeos, jogos digitais, textos, visitas, debates, internet etc.

apreciação e pela reflexão, a descoberta e a produção de (diferentes) possibilidades que orientam as experiências com estas manifestações (CENTRO PEDAGÓGICO, 2010).

É com esse conhecimento ampliado sobre a cultura corporal que os sujeitos se tornarão ainda mais capazes de não só escolher uma prática corporal para realizar em seu tempo de lazer, mas também de compreender e intervir sobre os sentidos e ações sociais e políticas que se relacionam a essas práticas.

E o Programa Segundo Tempo? Como se relaciona com esta forma de fazer Educação Física escolar? O programa, criado no Ministério do Esporte com o objetivo de “democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte educacional” (BRASIL, 2015), vem sofrendo mudanças conceituais ao longo do tempo que, apesar de serem aberturas para a sua resignificação, principalmente pelas escolas públicas, não tem se transformado necessariamente em mudanças concretas nas práticas pedagógicas.

Numa coleção denominada “Práticas Corporais e a organização do conhecimento” (GONZÁLEZ et al., 2014), patrocinada pelo Ministério do Esporte, aponta-se para a ampliação do objeto de ensino do PST. Na apresentação dos cadernos, afirma-se que na referida coleção aborda-se o esporte na perspectiva educacional e incluem-se outras práticas corporais, “como as danças, as ginásticas, as lutas, a capoeira, as práticas corporais de aventura, as atividades circenses, que compõem o universo da cultura corporal [...]” (GONZÁLEZ et al., 2014, p. 10).

Essa citação e o nome da coleção indicam, provavelmente, uma guinada no discurso do Ministério do Esporte na direção de ampliar o foco de seus programas, reconhecendo a cultura corporal, e não apenas o esporte, como objeto desses programas. Tal fato, mais do que uma transformação nos rumos do ME, talvez seja apenas fruto de uma brecha no sistema provocada pela mudança (planejada ou ocasional?) dos autores dos materiais do PST, agora estudiosos com experiência profissional relacionada à EF escolar. Anteriormente, havia certa incoerência entre o objeto do programa (esporte educacional) e os autores dos materiais (estudiosos do esporte de alto rendimento e da formação de atletas).

Certo é que, intencional ou fortuita, esta guinada permite uma apropriação renovada do PST pelas escolas públicas, uma vez que o discurso parece se aproximar dos objetivos e das práticas da cultura corporal associados à Educação Física escolar.

As **práticas corporais** se apresentam como **manifestações culturais** que podem possibilitar condições para a ampliação do número de praticantes, por conta de sua condição atrativa, assim como sua riqueza cultural, agregando **sentido e significado** à construção da formação integral, facilitando o vínculo dos participantes com os processos educativos formais [...] na presente coleção, assumimos o desafio de refletir e discutir sobre o ensino das **Práticas Corporais** e seus desdobramentos para a organização do **conhecimento**. (GONZÁLEZ et al., 2014, p. 10, grifo nosso).

Para além de nuances e conflitos teóricos entre os textos da coleção citada, as concepções de Educação Física na perspectiva da cultura corporal e o conteúdo dos materiais anteriores do PST, interessa-nos, no atual momento do ME, aproveitar as aproximações (conceituais e práticas) entre o objeto de ensino da EF no CP e aquele do PST. Tal aproximação, intencional ou casual, indicada em nossa proposta pedagógica do PST (CENTRO PEDAGÓGICO, 2015), foi referendada pelo Ministério do Esporte (pelo menos para o CP), uma vez que os técnicos do Ministério têm aprovado tanto nossos documentos quanto nossas práticas mais recentes.

Por outro lado, demonstrando a inconsistência desse movimento conceitual, cabe questionar, por exemplo, a submissão do PST ao Conselho Federal de EF uma vez que, em vários municípios que têm o PST, somente os profissionais com inscrição nos conselhos

regionais de EF é que podem atuar junto ao PST⁹, quando, na verdade, os licenciados, por estudarem o ensino das práticas corporais na escola é que estariam, supostamente, melhor preparados para lidar com o esporte educacional. Além disso, também se pode questionar se, ao invés de criar programas de oferta de práticas corporais, as políticas de governo não deveriam investir na possibilidade de ampliação da carga horária da EF nas escolas¹⁰.

Apesar das inconsistências e buscando aproveitar a possibilidade que existe no momento, essa aproximação conceitual PST-EF sinalizada pelo ME nos levou a pensar na articulação conceitual e prática entre as propostas de Educação Física e do Segundo Tempo em nossa escola.

Assim, a proposta atual do PST, no Centro Pedagógico, como parte do currículo escolar, aproximou-se da proposta de EF, apontando sua contribuição na formação dos estudantes, como:

um elemento da organização curricular da escola que, em sua especificidade de conteúdos, traz uma seleção de conhecimentos que, organizados e sistematizados, devem proporcionar ao aluno uma reflexão acerca de uma dimensão da cultura [a cultura corporal] e que, aliado a outros elementos dessa organização curricular, visa a contribuir com a formação cultural do aluno (SOUZA JÚNIOR, 2001, p. 83).

Isso significa – nas aulas de EF escolar e no PST – permitir aos alunos experimentar, apreciar e compreender as diferentes práticas corporais presentes no mundo (luta, dança, ginástica, esporte, atividades de aventura, jogos e brincadeiras), para torná-los capazes de participar e transformar sentidos e formas dessas práticas na sociedade.

Conteúdos da Cultura Corporal no Centro Pedagógico

Considerando a experiência escolar como uma oportunidade para a ampliação do universo cultural das crianças e dos jovens, torna-se essencial que a seleção das práticas corporais que ensinamos se inspire na multiplicidade de práticas da cultura corporal. Concentrar-se apenas em poucas práticas (o futebol, a queimada, o vôlei, o basquete e o handebol, por exemplo) a partir do discurso do interesse dos estudantes é aceitar mantê-los reduzidos apenas ao seu universo particular, restritos ao que já conhecem.

Assim, percebemos ser fundamental a ampliação do universo de práticas corporais ensinadas, tanto na EF quanto no PST (ampliando a ideia original deste programa, que se limitava aos esportes), entendendo que as lutas, os jogos e brincadeiras, as atividades de aventura, as danças, as ginásticas, os esportes olímpicos e paraolímpicos¹¹ e os esportes não tradicionais em nossa cultura são todos parte do rico patrimônio da cultura corporal a que os

⁹ Ver, por exemplo, o edital 03/2016, da Secretaria de Estado do Esporte e do Turismo do Paraná: http://www.esporte.pr.gov.br/arquivos/File/PST_Modalidades_2016/3EditaldeSelecao_SegundoTempoModalidades2016.pdf

¹⁰ A presença do PST teve influência direta na duplicação da carga horária de EF, no primeiro ciclo, uma vez que, na presença do PST, a escola percebeu a importância de haver mais tempos de aprendizagem de práticas corporais. Tal duplicação foi possível após a efetivação, por concurso público, de dois novos professores no CP, totalizando cinco professores efetivos (todos em regime de dedicação exclusiva), cada um com 12 horas aula de ensino e 28 horas distribuídas entre extensão, pesquisa e administração (tempo no qual se incluem a orientação e supervisão dos bolsistas do PST).

¹¹ Apesar de o nome oficial ser *paraolímpico*, os especialistas em língua portuguesa defendem que o termo correto é paraolímpico ou também a forma “parolímpico”, mas nunca ‘paralímpico’, motivo pelo qual preferimos a grafia paraolímpico (ver, por exemplo: CIPRO NETO, Pasquale. Paralímpico?. Haja bobagem e submissão! Folha de São Paulo, São Paulo, 06 set 2012. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/64838-paralimpico-haja-bobagem-e-submissao.shtml>. Acesso em: 10 mai 2016.)

estudantes têm o direito de ter acesso.

Com relação ao objeto de ensino do PST, dos conteúdos tradicionalmente associados à EF escolar, a última coleção organizada pelo Ministério do Esporte (GONZÁLEZ, DARICO; OLIVEIRA, 2014, p. 10) só deixa de citar os jogos e brincadeiras.

É importante ressaltar que nessa coleção abordamos o esporte na perspectiva educacional e incluímos outras práticas corporais, como as danças, as ginásticas, as lutas, a capoeira, as práticas corporais de aventura, as atividades circenses, que compõem o universo da cultura corporal.

Por outro lado, como se afirma na Proposta Curricular de Educação Física do Estado de São Paulo,

Não é fácil delimitar conceitualmente cada um desses eixos de conteúdos propostos, dada a sutileza de suas semelhanças, diferenças e interações. A capoeira é um exemplo esclarecedor. Ao mesmo tempo é luta, jogo e dança, tem sido objeto de um processo de “esportivização”, e no seu próprio interior possui ao menos duas manifestações que se distinguem em alguns aspectos – a capoeira angola e a capoeira regional. O próprio termo “esporte”, sob o patrocínio das mídias, adquiriu caráter polissêmico, ou seja, múltiplos significados, passando a designar, além das modalidades tradicionais (handebol, atletismo etc.) atividades tão diversas como os esportes radicais e a ginástica aeróbica. Vale ainda destacar a amplitude do fenômeno “jogo”, que inclui os jogos virtuais (video game e futebol de botão, por exemplo), também já praticados como modalidades esportivas, e da ginástica, que inclui atividades físicas/exercícios diversificados, desde caminhar ou correr até a musculação. (SEE, 2008, p. 45)

No caso do CP, uma vez que entendemos que não há um critério universal que defina de uma vez por todas se uma prática corporal é deste ou daquele eixo (o sentido dado pelo próprio praticante é que definirá o que certa prática corporal é num dado momento), apenas para apresentação didática, nas propostas de EF e do PST, das práticas corporais que serão objeto de ensino, definiu-se pela colocação de cada prática corporal num eixo/bloco de conteúdo em que os próprios professores do CP estão mais habituados a colocá-las (CENTRO PEDAGÓGICO, 2010; CENTRO PEDAGÓGICO, 2015). É importante esclarecer, entretanto, que, no trato pedagógico de uma prática corporal, todos os sentidos possíveis de cada prática são explorados no seu ensino aos estudantes.

A Aprendizagem das Práticas Corporais na EF e no PST: semelhanças e peculiaridades

Seja nas aulas de EF ou do PST, o ensino das práticas corporais no CP deve seguir os princípios apresentados até aqui. Cada tempo escolar tem, por outro lado, sua especificidade no que se refere ao tratamento dos conteúdos, o que confere um caráter peculiar e diferenciado a cada um desses momentos.

Atualmente, no CP, temos, formalmente, sistematizados quatro tempos de ensino da cultura corporal, incluídos no currículo escolar da seguinte forma:

1. Primeiro Ciclo: duas aulas de EF e duas aulas do PST.
2. Segundo e Terceiro Ciclos: uma aula de EF¹² e três aulas do PST, sendo uma de

¹² Nos segundo e terceiro ciclos, os professores efetivos de EF também defendem a duplicação da carga horária desse componente curricular. Entretanto, tal duplicação só será possível quando houver a efetivação de mais dois professores de EF. Por isso, e acreditando que a ampliação da carga horária de EF é extremamente relevante, a atual proposta pedagógica do PST ressignificou um dos três tempos do programa (a que convenhamos chamar de PST1), nos segundo e terceiro ciclos, transformando-o em aula de EF, organizada nos mesmos moldes da aula de EF “oficial” do CP (aquela ministrada pelos professores efetivos).

PST1¹³ e duas de PST2 (no formato tradicional do PST de oficinas escolhidas pelos próprios estudantes).

Em relação a esses quatro tempos de aula para o ensino das práticas corporais, propõe-se uma diferenciação com relação aos objetivos e à diversidade de conteúdos (ver Quadro 1, a seguir):

- introdução à diversidade e à sistematização de manifestações da cultura corporal dos seis blocos de conteúdo, para todos os alunos (aulas de Educação Física escolar e aula do PST1);
- ampliação do aprofundamento¹⁴ da aprendizagem em apenas algumas manifestações da cultura corporal aprendidas nas aulas de Educação Física, sendo o conteúdo escolhido pelos próprios estudantes (aulas do PST2) e
- especialização em apenas uma manifestação da cultura corporal, escolhida pelos próprios estudantes (aulas do PST2, apenas no terceiro ciclo).

Quadro 1: Atribuição de projetos, oficinas e turmas à EF Escolar e ao PST (4 aulas semanais)

1º CICLO		2º CICLO		3º CICLO	
EF1 e EF2 (2 aulas)	- Projetos de EF escolar - Turmas originais	EF1 e PST1 (2 aulas)	- Projetos de EF escolar - Turmas originais	EF1 e PST1 (2 aulas)	- Projetos de EF escolar - Turmas originais
PST1 (2 aulas)	- Projetos de EF escolar - Organização dos alunos em turmas por ano escolar ou ciclo	PST2 (2 aulas)	- Oficinas de ampliação do aprofundamento - Organização dos alunos em turmas por ciclo	PST2 (2 aulas)	- Oficinas de: ✓ Especialização ✓ Ampliação do aprofundamento - Organização dos alunos em turmas por ciclo

Fontes: CENTRO PEDAGÓGICO, 2010; CENTRO PEDAGÓGICO, 2015.

Essas três possibilidades são exploradas de forma diferente conforme o ciclo e o ano escolar em que as crianças e os adolescentes se encontram. No primeiro ciclo, a ênfase nos quatro tempos é na experimentação da diversidade das práticas corporais, o que iguala, apenas neste ciclo, os objetivos de todas as aulas de EF e do PST (diferenciando-se do trabalho do PST no primeiro ciclo do CP daquele realizado pelo próprio PST nos segundo e terceiro ciclos).

No segundo ciclo, além de continuar a aprender a diversidade de manifestações da cultura corporal (na aula de EF e na aula do PST1), propõe-se também a ampliação do aprofundamento em algumas dessas manifestações, em projetos que duram cerca de um semestre letivo (nas duas aulas do PST2).

No terceiro ciclo, o trabalho com a diversidade (na aula de EF e na aula do PST1) continua, mas, nas duas aulas do PST2 são exploradas duas possibilidades: a) a ampliação do aprofundamento, da forma como era proposto no segundo ciclo ou b) a especialização. Assim, cabe aos estudantes, no terceiro ciclo, optar, nas aulas do PST2, entre a ampliação do aprofundamento em algumas práticas corporais (que mudam a cada semestre) ou a especialização em uma única prática corporal (que pode permanecer a mesma em todo o ciclo).

¹³ Nos três ciclos, aulas de EF sempre ministradas por professor efetivos do CP, e aulas do PST ministradas pelos bolsistas do Ministério do Esporte, orientados e acompanhados pela coordenação do PST (professores efetivos e coordenadora/bolsista do ME).

¹⁴ A partir do conhecimento construído nas unidades didáticas da EF escolar do CP, que já permite o aprofundamento da aprendizagem em uma prática corporal, o PST investe na ampliação deste aprofundamento, ou seja, na exploração mais detalhada de alguns dos aspectos anteriormente estudados nas aulas de EF.

Aqui, cabe explicar que caso tivéssemos no CP apenas as aulas de EF, sem as aulas do PST, a opção nos três ciclos se resumiria àquela defendida pela maioria dos sistemas públicos de ensino (por exemplo, as propostas de EF da Prefeitura de Belo Horizonte e do Estado de Minas Gerais), isto é, o estudo das práticas da Cultura Corporal que busca o equilíbrio entre diversidade e aprofundamento. Entretanto, como este objetivo já é alcançado pelas aulas de EF no CP, pensamos na possibilidade de, principalmente a partir das escolhas dos estudantes, permitir a eles ampliar o aprofundamento/especialização em algumas práticas corporais de sua preferência, nos segundo e terceiro ciclos, nas aulas de PST2.

Ressalte-se que, quando falamos em ampliação de aprofundamento e especialização, não estamos nos referindo ao treinamento repetitivo de técnicas/táticas padronizadas, como é o caso das práticas corporais de alto rendimento em clubes, por exemplo, mas à ampliação do aprofundamento/especialização no **conhecimento** das diferentes dimensões (técnicas, sociais, históricas, éticas, estéticas) estudadas nas aulas de EF.

Apropriando-nos das idéias de Valter Bracht (1997) e na Abordagem Triangular para o ensino de Arte, de Ana Mae Barbosa (2009)¹⁵, as propostas de EF e do PST do CP defendem que os processos de ensino-aprendizagem das práticas se relacionem às formas como as práticas corporais se apresentam para nós em nossas vidas: como **saber-fazer/vivências corporais** (em parques, praças, clubes, ruas, lanhouses, consoles etc); como **relações sociais** com outros praticantes; como momentos de **apreciação** (nos estádios, ginásios, na TV, na internet etc); e como apropriação de um **saber-sobre** essas práticas em conversas e reflexões (em rodas de amigos, nas mesas redondas da TV etc) e em diferentes mídias (livros, jornais, revistas, internet, propagandas, jogos eletrônicos etc).

Assim, para ensinar os conteúdos da Cultura Corporal (jogos e brincadeiras, danças, esportes, ginásticas, lutas, atividades de aventuras), tendo em vista tais dimensões, o professor de EF e o monitor do PST, no CP, devem lançar mão de diferentes modos de discurso (BAKHTIN, 2006) para possibilitar a aprendizagem dos alunos: realizando experimentações práticas dos conteúdos; explorando os conteúdos em jogos e aplicativos digitais; assistindo vídeos, documentários, filmes em que os conteúdos sejam o tema; lendo sobre os conteúdos em revistas, livros, sites na internet; organizando com os alunos encenações, apresentações, torneios, festas sobre o conteúdo; ou estimulando o registro das aprendizagens dos conteúdos pelos alunos em textos, imagens, desenhos, fotos ou vídeos; conversando sobre o tema/conteúdo (CENTRO PEDAGÓGICO, 2010; CENTRO PEDAGÓGICO, 2015).

Considerações Finais

A experiência de articulação entre os projetos pedagógicos de EF escolar e do PST no CP tem se mostrado uma rica possibilidade de aprendizagem das práticas corporais numa escola de tempo integral. Seja para os professores de EF do CP, que tem que pensar as possibilidades teóricas e práticas de articulação entre essas propostas, seja para os coordenadores e monitores do PST, que precisam antes entender a proposta EF do CP para então pensar o sentido do PST nessa escola, seja para os estudantes, que precisam entender a diferença de sentido e a unidade de princípios entre os diferentes tempos em que as práticas corporais são ensinadas, essa proposta de articulação tem se mostrado interessante e promissora. Cabe, então, perguntar: quais têm sido alguns dos resultados desta articulação?

¹⁵ Ana Mae Barbosa (2009) apresenta a ideia de que o ensino da arte está ancorado em três dimensões: a apreciação de obras de arte, a contextualização das obras de arte e o fazer artístico. Entendendo que a apreciação de práticas corporais em diferentes espaços sociais é a atividade que mais tempo nos ocupa no contato com a Cultura Corporal, torna-se imprescindível que os alunos aprendam a apreciar as práticas corporais (aprendendo a observar e interpretar regras, técnicas, táticas, relações sociais, elementos éticos e estéticos dessas manifestações culturais).

Temos percebido a apropriação de um maior número de práticas corporais pelos estudantes (uma vez que o tempo de formação nas práticas corporais foi ampliado), o que se concretiza em um número significativo de relatos de estudantes, dos três ciclos, que tem afirmado apreciar mais práticas corporais na TV e na internet, além de outros que têm nos contado sobre como têm incorporado, no seu tempo de lazer, práticas corporais não convencionais no cotidiano dos estudantes do CP, como a capoeira, o badminton, o slackline, o skate, o frisbee, o tênis de mesa, as práticas circenses etc.

Por outro lado, em eventos interescolares, em que convidamos outras escolas para realizar práticas corporais com nossos estudantes, temos percebido um conhecimento mais aprofundado de nossos alunos, em especial os do terceiro ciclo, de práticas corporais não convencionais. Tem sido comum, nesses eventos, que nossos alunos apresentem, com propriedade, práticas corporais não convencionais aos estudantes das escolas convidadas, não só ensinando regras ou formas de praticar, mas discorrendo sobre outras dimensões (sociais, históricas) do conhecimento sobre essas práticas.

Por fim, a formação inicial e continuada dos monitores do PST (estudantes de licenciatura e graduados) tem sido um destaque, uma vez que, semanalmente, além de acompanharmos as aulas, temos duas horas de formação, em que participam os professores efetivos do CP e todos os bolsistas do Ministério do Esporte. Nessas formações, discutem-se questões de planejamento de projetos e aulas, as aproximações entre EF e PST no que se refere a conteúdos e metodologias de ensino, a avaliação das aprendizagens, o trato com situações problema, além da troca de experiências entre os próprios monitores. A fala de uma ex-monitora do PST do CP, que se desligou para trabalhar no PST de outra instituição é emblemática, nesse sentido:

Lá na outra escola, eu me sinto abandonada, pois não dialogo com os professores de Educação Física da escola, planejo sozinha, sem saber o que os estudantes fazem nas aulas de EF, além de não ter qualquer momento de formação com os coordenadores ou outros monitores do PST. Sinto falta do apoio, do acompanhamento e das reuniões que tínhamos aqui no CP.

Lamentavelmente, este problema identificado por essa monitora, estava entre os problemas detectados pelo Tribunal de Contas da União, há dez anos, que apontava que “grande parte dos profissionais envolvidos no programa ainda não teve oportunidade de participar da capacitação. Os cursistas manifestaram diversas dificuldades, as quais têm prejudicado seu aproveitamento” (BRASIL, 2006, p. 72). Preocupado com os números do programa, terá o governo federal negligenciado a melhora qualitativa do mesmo na sua prática cotidiana?

Por essas e outras, o PST tem tido seu sentido e sua continuidade questionados por ainda apresentar problemas como seu uso como propaganda eleitoral, a falta de material (LORENZINI; SANTOS, 2009) e de espaço adequado para as aulas, a falta de acompanhamento do trabalho pedagógico pelos coordenadores, o excesso de demandas burocráticas, a excessiva preocupação com o número de inscritos sobrepondo-se ao cuidado com a qualidade das aulas, a não adequação das propostas às realidades das escolas (SOUZA; SOUZA; CASTRO, 2013).

A proposta de PST do CP, por outro lado, indica a necessidade de se romper com o conflito entre a EF escolar e o PST, numa mesma escola, como o identificado por Terra e Mascarenhas (2012, p. 700), que parece implicar em prejuízo para a Educação Física escolar:

Na escola estudada quase não existem implicações do PST na educação física escolar. A relação entre PST e educação física se dá fundamentalmente em função da utilização e compartilhamento do mesmo espaço no interior da escola. Em alguns momentos essa utilização ocorre simultaneamente, onde a quadra é dividida para

que o programa e as aulas de educação física aconteçam. Até que ponto essa “concorrência” do PST para com as aulas de educação física escolar não traz prejuízos? O porquê investir num segundo tempo da educação, sendo que o primeiro tempo de um modo geral está precário (falta de formação continuada, professores mal remunerados, espaço físico das escolas depredado, escassez de material didático)?

Assim, entendemos que a proposta do CP, ao mesmo tempo em que tem especificidades e se configura em um contexto particular, abre novas possibilidades para a reflexão sobre a constituição desse programa em sintonia com as escolas públicas e com a EF que ali se pratica, o que demandaria mudanças significativas nas orientações do Ministério do Esporte.

Como afirmam Souza, Souza e Castro (2013), o ideal seria a oferta de educação integral em tempo integral dentro da própria escola, de acordo com um projeto político pedagógico adequado para este fim, o que se aproximaria exatamente da experiência que tem sido desenvolvida no CP. Nesse sentido, esperamos que tal experiência, mais do que ser tratada como um caso isolado, contribua para vislumbrar saídas para a qualificação deste programa, entre as quais poderíamos citar: a flexibilização dos editais de PST adequando-se aos interesses e necessidades locais de escolas e estudantes; a construção de propostas pedagógicas de acordo com as realidades locais; a estimulação de parcerias do PST com escolas/professores de EF; a articulação do PST com propostas de EF da região em que o programa é implantado; a coordenação de núcleos do PST por professores de EF de escolas das próprias regiões atendidas e a formação inicial e continuada de monitores do PST por professores de escolas públicas.

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AND SEGUNDO TEMPO PROGRAM: AN EXPERIENCE IN CURRICULAR ARTICULATION AT CENTRO PEDAGÓGICO/UFMG

Abstract

This article intends to reflect upon the possibilities of articulation between school Physical Education and the governmental program Programa Segundo Tempo (PST) making use of the analysis of the (conceptual and practical) constitution and transformation of a nucleus of this program in the Centro Pedagógico, a full time elementary school inside a federal university (UFMG). The case studied indicates new and interesting possibilities to empower both school Physical Education and the Programa Segundo Tempo teaching-learning possibilities, in a complementary action when they are both articulated, besides pointing to a rich initial and continued Physical Education teacher education experience.

Keywords: Physical Education. Body Culture. School. Sport.

EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR Y EL PROGRAMA SEGUNDO TIEMPO: UNA EXPERIENCIA DE ARTICULACION CURRICULAR EN CENTRO PEDAGÓGICO/UFMG

Resumen

El objetivo de este trabajo es discutir las posibilidades de articulación entre la educación física escolar (EF) y el Programa Segundo Tiempo (PST), a partir del análisis de la constitución y transformación (teórica y práctica) de la propuesta y de la práctica pedagógica de un núcleo de PST en el Centro Pedagógico (CP), una escuela de educación básica a tiempo completo en la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG). El estudio indica nuevas e interesantes

posibilidades para mejorar los procesos de enseñanza-aprendizaje, en el PST y en la EF escolar cuando esas dos propuestas se vinculan mediante una acción de complementariedad y, además de eso,, ese estudio orienta una rica experiencia de formación inicial y continuada para profesores de educación física.

Palabras-clave: Educación Física. Escuela. Cultura Corporal. Escuela. Deporte.

Referências

ALVES, V. F. N. Uma leitura antropológica sobre a educação física e o lazer. In: WERNECK, C. L. G. **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

BARBOSA, A. M. **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2009.

BRACHT, V. Educação Física: Conhecimento e Especificidade. In: SOUZA, E.S., VAGO, T. M. (Org.). **Trilhas e Partilhas: Educação Física na cultura escolar e nas práticas sociais**. Belo Horizonte: Cultura, 1997.

BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Segundo Tempo**. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/segundo-tempo>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. **Relatório de avaliação de programa: Programa Segundo Tempo/Tribunal de Contas da União**; Relator Auditor Lincoln Magalhães da Rocha. – Brasília: TCU, Secretaria de Fiscalização e Avaliação de Programas de Governo, 2006.

CENTRO PEDAGÓGICO. **Proposta Pedagógica: CP uma escola de tempo integral**. Belo Horizonte, 2011.

CENTRO PEDAGÓGICO. **Proposta Pedagógica de Educação Física**. Belo Horizonte, 2010.

CENTRO PEDAGÓGICO. **Proposta Pedagógica do Programa Segundo Tempo**. Belo Horizonte, 2007.

CENTRO PEDAGÓGICO. **Proposta Pedagógica do Programa Segundo Tempo**. Belo Horizonte, 2015.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J.; VELOZO, E. L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**, v.11, n. 1, p. 9-16, 2008.

FOURQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre, Artmed, 1993.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, v.1, n.2, p. 10-27, mar. 2010.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. **Esportes de invasão: basquetebol, futebol, futsal, handebol, ultimatefrisbee**. (Maringá: Eduem, 2014. (Coleção Práticas corporais e a organização do conhecimento).

LORENZINI, A. R.; SANTOS, A. L. F. Programa Segundo Tempo no agreste de Pernambuco: uma experiência interinstitucional e interdisciplinar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16. 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: CBCE, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/96/anais%20conbrace%202.pdf?sequence=3>>. Acesso em: 22 abr 2016.

RICCI, C. S. Juntar saber com saber: reflexões sobre o programa residência docente. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 10, n.1, jan./abr. 2015, p. 31-52.

SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física**. São Paulo: SEE, 2008.

SOUZA, A. P. P.; SOUZA, D. L.; CASTRO, S. B. E. Barreiras e facilitadores para a implementação do Programa Segundo Tempo: Um Estudo De Caso. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 4, out./dez. 2013, p. 956-1270.

SOUZA JUNIOR, M. O saber e o fazer pedagógicos da Educação Física na Cultura escolar: o que é um componente curricular? In: CAPARROZ, F.E. (Org.). **Educação Física Escolar: Política, Investigação e Intervenção**. Vitória: Proteoria, 2001. p. 81-92.

TERRA, A. M.; MASCARENHAS, F. O Programa Segundo Tempo e suas implicações para a educação física escolar em Goiânia: um estudo de caso. In: CONGRESSO CENTRO-OESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4. 2010, Brasília. CONGRESSO DISTRITAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1. 2010, Brasília. **Anais**. Brasília: CBCE, 2010. Disponível em: <<http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/4concoce/4concoce/paper/viewFile/2559/1228>> Acesso em: 22 abr. 2016.

UFMG. **Resolução nº 05/2007, de 03 de maio de 2007**. Aprova o Regimento Interno da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG. Secretaria dos Órgãos de Deliberação Superior – SODS/UFMG. Disponível em: <<https://www2.ufmg.br/sods/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

Recebido em: 25/11/2015

Revisado em: 10/02/2016

Aprovado em: 11/05/2016

Endereço para correspondência:

guilherme.cfs@outlook.com

Guilherme Carvalho Franco da Silveira

Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG

Centro Pedagógico, Núcleo de Educação Física.

Universidade Federal de Minas Gerais
Pampulha
31270-901 - Belo Horizonte, MG - Brasil